

Diversidade, Educação e Religião

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira

Livre Docente e Pós-Doutor em Ciência da Religião, Doutor e Mestre em Ciência da Educação. Pesquisador do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER) - Curitiba - PR, e-mail: srjunq@gmail.com

Resumo

Uma das causas imputadas as violências dirigidas a jovens e crianças tem conexão com a manifestação da sexualidade na escola, especialmente quando difere do padrão que resulta no banimento dos “diferentes”. Muito desse isolacionismo tem sido mal justificado pelos valores e aspectos formativos familiares e de cunho religioso no Brasil, por isso a reflexão sobre sexualidade e religião urge em oportunizar mudanças. A reflexão sobre alguns textos sagrados que justificariam a subserviência feminina e o domínio do modelo patriarcal e a-homoerótico demonstram a clara necessidade do conhecimento, libertário, que concorre para mudanças de posicionamentos. A partir da revisão bibliográfica, inclusive de textos bíblicos, sob a luz da exegese e contextualização histórica é possível perceber algumas distorções durante a caminhada da humanidade. A re-elaboração visando formas de convívio respeitadas, dentro da escola e fora dela, passa pela melhor formação de professores, que aptos para facilitar o processo de aquisição do conhecimento ensejem um espaço de efetiva constituição de cidadãos que prezem pelo respeito e liberdade, conforme princípios exarados pela LDB de 1996. Da formação docente se espera uma mudança de paradigmas. Formação que urge em compreender: conhecimento científico, metodologia de ensino, aplicação prática e pesquisa científica e a tão necessária reflexão como forma de subsidiar novos conhecimentos. Tendo em vista a complexidade do tema optou-se pela abordagem qualitativa utilizando-se, nesta fase, a pesquisa exploratória, por ser capaz de auxiliar o estabelecimento de um instrumento de pesquisa melhor adequado a realidade a ser pesquisada, além da análise documental que forma o estofamento teórico tão necessário para o entendimento da temática. O combate a qualquer tipo de preconceito, discriminação e violência tem na dicotomia ensino-aprendizagem sua mola propulsora - enquanto houver seres ensináveis haverá espaço para o desvelamento ante ao diferente, pois promove o conhecimento de si mesmo diante das características que tanto podem aproximar quanto afastar.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Formação de Professores.

Diversity, Education and Religion

Abstract

One of the causes attributed the violence directed at children and young people have a connection with the manifestation of sexuality in school, especially when differs from the standard resulting in the banishment of "different". Much of isolationism has been poorly justified by values and family and formative aspects of a religious nature in Brazil, so the reflection on sexuality and religion urges in oportunizar changes. Reflection on some sacred texts that justify the subservience female and domination of the patriarchal model and-homoerotic demonstrate the clear need for knowledge, libertarian, which contributes to change positions. From the literature review, including biblical texts in light of the exegesis and historical background you can see some distortions during the march of humanity. The re-elaboration aiming forms of respectful coexistence, within the school and outside it, goes through better training of teachers, who are able to facilitate the process of knowledge acquisition ensejem an effective constitution of citizens space prezem respect and freedom as principles formally drawn up by the LDB 1996. the teacher training is expected a paradigm shift. Training that is urgent to understand: scientific, educational metolodogia, practical application and scientific research and much-needed reflection as a way to subsidize new knowledge. Given the complexity of the topic chosen up the qualitative approach using at this stage exploratory research, to be able to assist the establishment of a research instrument best suited to reality to be researched, as well as documentary analysis form the theoretical stuff as necessary for understanding the subject. The fight against any kind of prejudice, discrimination and violence have in the teaching-learning dichotomy its driving force - as long as teachable beings there will be room for the unveiling at the different, because it promotes the knowledge of himself in front of the characteristics that can either approach as away.

Keywords: *Education. Gender. Teacher Education.*

A Educação, enquanto processo, pretende transformar, ou transportar do lugar comum, as pessoas em suas múltiplas facetas, visando a integralidade que vai muito além dos aspectos científicos ou biológicos. Especificamente o Ensino Religioso já que “se passa na idiosincrasia: [onde] cada educando experimenta, vê, reage, sente, responde de maneira própria frente ao que lhe é proposto” (JUNQUEIRA, 2004) e consequentemente dentro de seus contextos, deve propiciar experimentações que levem a reflexão, dando sentido a questionamentos e possivelmente mudança de visão da realidade.

Jovens e crianças sofrem múltiplas violências diuturnamente correlacionadas a manifestação de suas sexualidades na escola, por conta de valores e aspectos formativos recebidos através das religiões no Brasil, não levando em conta a riqueza de suas identidades.

As potencialidades e interesses acadêmicos são suplantados pelo preconceito multiforme e por um “fazer calar” que tem a ilusão de que ao negar seja possível fazer desaparecer.

Diante deste cenário os temas sexualidade e religião exigem converterem-se em pontos de reflexão, apesar de aparentemente controversos, até por conta da carência bibliográfica sobre a temática.

O Ensino Religioso ao se deparar com a violência no ambiente escolar, tanto a constantemente noticiada quanto a silenciosamente praticada, pode contribuir, pois está clara a urgente necessidade de reelaborar formas de convívio baseada na reflexão. Disciplina importante enquanto ferramenta no processo de minimização da violência, pode apresentar uma ambiguidade no posicionamento de seus professores. Tanto os facilitadores de aprendizagem quanto os encarregados pela transmissão “formal” de conhecimentos e valores escolares, são potencialmente seres aptos a preencher a grande lacuna no trabalho de encontro e aceitação aos considerados “diferentes” – como se neste país a diversidade não fosse regra.

Tanto aos professores quanto às suas comunidades, em todas as suas esferas, cabe cumprir ao menos com os princípios da educação, dentre outros, conforme apresentados na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (BRASIL, 1996): - princípios de liberdade e ideais de solidariedade humana; - pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania; - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; - respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Em quaisquer das cinco premissas acima apresentadas e tendo em vista o momento de crescente debate quanto a gênero e orientação sexual questionou-se em primeiro plano a influência das religiões hegemônicas brasileiras na formação ou conformação das pessoas a respeito do tratamento desigual, especialmente direcionado para mulheres e homossexuais. O caminhar evolutivo das pesquisas trouxeram respostas que indicaram um novo questionamento: Como otimizar a transmissão ou a

não transmissão, de valores e princípios que contribuam e prejudicam a efetiva permanência de TODOS no processo educativo, sem nenhum tipo de distinção.

A bibliografia encontrada sobre sexualidade ligada à temática Religião, especialmente se foge da “heteronormalidade”, é escassa. Contudo, não se pode negar a influência das Religiões na formação de conceitos com relação ao gênero, o que resulta também na forma que os povos exercem sua sexualidade e na leitura que fazem a respeito da “normalidade” alheia.

Buscando relacionar a forma como se dá a relação dos aspectos sexuais vinculado à vivência daquilo que é sagrado, engendrou-se uma série de questionamentos tentando identificar os pontos que influem na formação de conceitos e da auto estima do público pesquisado. Neste intento foi entrevistado um grupo bastante heterogêneo em diversidade do exercício de sua sexualidade, idade, formação, classe social e diversidade religiosa. As respostas elucidaram como algumas vertentes religiosas influenciaram e influenciam a formação das pessoas.

Gênero e Religião

Encontram-se diferentes concepções para a palavra gênero, que pode ser empregado tanto para diferenciar o sexo biológico, determinado pela genitália feminina ou masculina quanto para distinguir as interações sociais.

Para Convolan¹ gênero “é uma categoria de análise histórica e social das relações que se estabelecem entre as masculinidades e feminilidades, e que têm necessariamente interfaces étnicas, geracionais, urbana/campo, de camadas sociais, de orientação sexual, religiosidades, dentre outras que compõem a humanidade”.

As interfaces sociais, em especial as interrelações das religiões e outras disciplinas históricas, contribuíram para uma distorção nas relações de gênero, apesar de ser fato que diferenças biológicas não são argumentos claros e sustentáveis para justificar as organizações desiguais criadas para manutenção do poder na vida de algumas comunidades, são encontrados no dia-a-dia das brasileiras e brasileiros a marca da desqualificação em quase todos os campos, falas e comportamentos.

Percebe-se que as relações de poder são, por vezes, geradoras de instrumentos

1 Prof^o. Dr^a. Nádia Terezinha Covolan em entrevista a Revista Divers@. Disponível em http://www.litoral.ufpr.br/diversa/ed1/Revista%20Divers@%20n_1%20v_1Entrevista.pdf, acesso em 18.fev.2010

normativos nas sociedades constituídas o que ocorre também no interior de diferentes tradições religiosas. Historicamente estas relações pendem cedendo vantagens ora para mulheres ora para homens, porém há momentos pontuais em que ambos cooperaram e resguardaram o valor mútuo, alicerçando sentimentos de autoestima e dignidade na identificação de suas posições no mundo.

Diferentes participações nas Religiões

O engajamento do feminino nas estruturas religiosas passou por diferentes formas, desde a adoração ao princípio feminino como elemento sagrado gerador de vida, para a negação deste como componente que conduz à sensualidade e à morte.

As religiões, na atualidade, apontam para símbolos do masculino com certa frequência. Mas, nem sempre foi assim na história da humanidade. O feminino já ocupou lugar de destaque no cenário sagrado. Alguns pesquisadores afirmam, baseados em pinturas rupestres, objetos encontrados, entre outros vestígios do passado, que quando a humanidade vivia nos períodos pré-históricos o ícone que apresentava o 'elemento criador ou deus' seria representado pela figura de uma mulher.

Aos professores brasileiros em sua totalidade, e especialmente aos do Ensino Religioso, cabe buscar o conhecimento que viabiliza a ruptura de modelos de dominação, como estandarte de luta contra a discriminação de toda sorte. Destarte considerando o credo hegemônico brasileiro na atualidade, o Cristianismo, destacam-se alguns textos específicos que tem servido à (de)formação conceitual e afetiva das pessoas. Isso talvez se dê por ignorância da profundidade dos mesmos, ou quem sabe por servirem a manutenção do poder ou à interesses escusos.

Alguns textos sagrados tem servido para a subserviência feminina. No livro dos cristãos, a Bíblia, mais especificamente no Antigo Testamento encontram-se duas referências sobre à criação do homem e da mulher, em uma delas Deus criou macho e fêmea à sua semelhança (Gen. 1, 27) e em outro texto Deus criou Adão e dele tirou uma costela, e com ela formou então a mulher. (Gen. 2, 21-22). Apesar da simbologia encerrada nestes textos, há duas indicações de igualdade explícitas. No primeiro texto não há supremacia de um pelo outro, pois ambos foram criados a semelhança do criador. No segundo trecho ao ser retirada uma costela do homem pode ser entendido

que a mulher estaria ao seu lado, nem acima no caso de ser retirado um fragmento do crânio e nem abaixo caso fosse um osso dos membros inferiores.

O Gênesis Cristão afirma que a serpente ludibriou a mulher e fez com que ela comesse do fruto, que em seguida serve ao seu companheiro. A serpente na hermenêutica judaico-cristã é símbolo do mal, rasteja sobre a terra, portanto sobre o mais baixo, o instintivo. O contato da mulher com este animal, como consequência da desobediência da orientação divina, passa a conhecer as dores do parto, justificando o extremo sofrimento para o milagre do nascimento.

Como forma de ilustrar o tratamento desigual entre homens e mulheres Bello (2001) apresenta os seguintes trechos bíblicos, falando a respeito da purificação das parturientes, no Livro do Levítico, em seu capítulo 12 versos de 1 a 5 (TEB) há instruções claras a respeito:

Javé falou a Moisés, dizendo: 'Fala aos filhos de Israel e dizendo-lhes: quando uma mulher conceber e der à luz um menino, ela ficará impura durante sete dias; ficará impura como nos dias de sua menstruação. No oitavo dia o menino será circuncidado; mas ela ficará ainda em casa durante trinta e três dias com o sangue da purificação; não tocará nenhuma coisa santa e não irá ao santuário, até que os dias de sua purificação se cumpram. Se der à luz uma menina, ficará impura durante duas semanas, como nos dias de sua menstruação, e ficará em casa durante sessenta e seis dias com o sangue da purificação.

É possível identificar no trecho acima forte carga machista, pois a regra impõe prazo dobrado de isolamento para mulheres que tenham concebido uma criança do sexo feminino. Este trecho escrito com vistas aos aspectos ritualísticos tem também enfoque sanitarista por pretender tratar das causas de contaminações, tendo em vista as inexistentes condições de saneamento do contexto no qual foi escrito.

É interessante, neste ponto, chamar a atenção e contrapor aqui o conceito de pureza ou impureza que as culturas imputaram ao sangue menstrual e ao sangue do parto. Nas sociedades matriarcais, de tempos ancestrais, o sangue era sagrado e portanto incluído nos rituais, utilizado inclusive na otimização da fertilização de terras agriculturáveis.

Enquanto isso nas sociedades patriarcais o sangramento do ciclo procriativo feminino foi tomado como impuro e a presença de mulheres 'manchadas' pelo sangue afastada dos rituais. Ainda hoje é possível ser observado hábitos, mantidos por alguns

filões religiosos, que impedem que um homem cumprimente com as mãos uma mulher por conta da possibilidade dela estar “impura” ou seja no período menstrual.

Ainda assim é possível perceber nos primórdios do cristianismo, nas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, a proclamação da libertação da mulher de sua subserviência tradicional, sugerindo igualdade sexual em relação ao homem, já que “em Cristo não há a distinção entre macho e fêmea” (BÍBLIA, Livro de Gálatas 3,28).

Ao analisar todo e qualquer texto sagrado se faz necessário observar e refletir sobre o contexto completo: a realidade da época na qual foi escrito, a cultura local e a localização geográfica, evitando assim distorções em sua interpretação, ou seja textos fora dos contextos que tão somente servem de pretexto para dominação ou justificação de abusos. E ainda deve-se buscar entender sobre o contexto atual, e as implicações possíveis para a utilização de um trecho ou trechos considerados sagrados.

Algumas vezes na tentativa de negar a posição igualitária é utilizado os textos bíblicos de I Coríntios 11, versos 7 a 10, que apresenta a indicação de diferentes posicionamentos, especialmente sobre usos e costumes, normalmente direcionados às relações de gênero.

Neste trecho há indicação clara sobre a necessidade da mulher cobrir sua cabeça com véu e manter os cabelos compridos. Ao analisar o contexto da época, saliente-se que Paulo – presumido autor da carta – falava à uma cidade portuária, que recebia navios do Oriente e do Ocidente, importante centro comercial da época.

Isso fez de Corinto uma cidade dissoluta onde reinava a devassidão, a luxúria e a licenciosidade. A presença de marinheiros e viajantes fez da prostituição prática comum, assim as prostitutas, a fim de conter a infestação de piolhos e também para serem identificadas pelos homens, mantinham os cabelos cortados ou raspados.

Interessante notar que esta orientação paulina, é dirigida apenas e especificamente para igreja de Corinto. Não há outro texto, de autoria atribuída à Paulo para outras comunidades com esse sentido.

O foco da carta paulina é a situação das novas convertidas – inclusive prostitutas, que eram orientadas à manter-se cobertas com o véu até que seus cabelos crescessem, diferenciando-as das prostitutas que não tinham aderido ao culto cristão.

Também muito utilizado, e especialmente nebuloso, é o trecho do livro de

Efésios, que versa sobre o homem ser o cabeça da mulher, utilizado amplamente para desprezar a mulher em seus direitos e possibilidades.

As mulheres sejam submissas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja, Ele, o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, assim as mulheres estejam sujeitas em tudo a seus maridos. (BÍBLIA, Carta aos Efésios 5, 22-24).

No original Paulo quando falava em cabeça, de acordo com a língua Grega, utilizada na época, poderia ter usado duas palavras: *arché* ou *kephalé*.

Arché denotaria autoridade, o que poderia inferir o sentido de governante. Por sua vez *kephalé* significa apenas cabeça – raiz semântica da palavra cefaléia. *Kephalé* é ainda um termo militar que designa “aquele que lidera, que vai à frente”, não como um general, mas, sim, como o batedor que vai à frente no campo de batalha, que se expõe primeiro ao perigo a fim de proteger e guiar aos que o seguirem. Assim a liderança do marido como cabeça indica ele se expondo para proteger, seguindo a ordem, que precisa ser conhecida, de seu superior (Deus).

Paulo conhecia bem as duas palavras, afinal este é apresentado nas próprias escrituras como sendo muito instruído. Ao escolher *kephalé* ensina que o marido deve ser aquele que protege indo à frente dos seus, servindo-os e dando por eles a própria vida, como Cristo fez pela igreja².

No caso da intolerância à homossexualidade são encontradas algumas referências bíblicas usadas para este posicionamento. No Livro I Coríntios, capítulo 6, versículo 10, o autor nomeia como efeminados aqueles que não terão o direito de herdar o Reino dos Céus. Alguns estudiosos da Palavra, defensores das práticas homoeróticas, argumentam que a palavra grega *malakós*, utilizada no texto em referência, tem seu sentido literal como “mole, macio, suave”. Porém algumas versões respeitadas das Escrituras, traduzem esse termo por termos equivalentes a homossexual. A conhecida versão *King James Version* apresenta o vocábulo *effeminate*, e a *New Internacional Version* (NVI), *homosexual*. No espanhol a *Versión de Casiodoro de Reina* emprega *afeminado*.

Além dos valores expressos pela cristandade, existem outros fatores que se contrapõem a posição homossexual, que desde já se prefere utilizar-se o termo a-

² ASSUMPTÃO s.d, s.p.

homossexual traduzindo o posicionamento de não aceitação da prática, preferindo-o a utilização do “homofóbico”, que denota semanticamente medo irracional, que leva a perseguição, violência e assassinato. Considerado isto é possível encontrar, na sociedade, tanto o repúdio às relações ou comportamentos homoeróticos como aos heteroeróticos, que podem ser demonstrados na repulsa causada aos homossexuais as relações heterossexuais.

Ao se estabelecer a relação de poder entre os gêneros inúmeras crueldades foram sendo cometidas e na ‘idade das trevas’ muitas pessoas foram perseguidas e executadas injustamente em nome da fé, em nome de um deus único, que abarcava o desejo humano de hegemonia, de supremacia, este deus estava acima de todos os outros, portanto a morte se justificava pela manutenção da ‘fé reinante’.

Ouvindo vozes, distinguindo posicionamentos

Devido à natureza do estudo e dos objetivos propostos, esta pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, serviu-se no primeiro momento, além de análise documental sobre a temática, também de pesquisa exploratória, que pode ser qualificada, de acordo com Theodorson e Theodorson (1970), como um estudo preliminar em que o maior objetivo é tornar familiar o fenômeno que se quer investigar, de maneira que o estudo principal a seguir será planejado com grande entendimento e precisão.

Como forma de complementar a reflexão sobre a questão de relações dos gêneros atrelada ao Ensino Religioso, foram formuladas entrevistas para vislumbrar o ideário a cerca do tema junto à mulheres e homossexuais de ambos os sexos, com idades entre 19 e 72 anos

Dar voz às vivências mostrou um aspecto especialmente desafiador por ir além do debruçar-se sobre bibliografia específica, até por conta da já citada escassez de fontes que unam as questões, tentando discernir o quadro atual da temática e suas implicações.

Em primeiro plano o repto que se descortinou é obter informações sobre a vivência religiosa e orientação sexual, especialmente quando difere do padrão estabelecido, a heterossexualidade, vinculada à experiência, e talvez vivência no meio

religioso.

No decorrer da pesquisa, até este ponto, foi possível identificar, na opinião dos respondentes que a formação judaico-cristã abarca no modelo patriarcal um meio justificável para a dominação da mulher. Já sobre a homossexualidade está claro, no modelo vigente, de acordo com os entrevistados, ser de convívio suportável desde que sua prática seja reprimida e preferivelmente abandonada.

Sobre o público atingido pela pesquisa foi possível identificar a dedicação profissional, em sua maioria, na área de humanas. O nível de escolaridade ultrapassa os 80% com formação superior e com relação a fé praticada mais de 60% disse professar a fé católica, porém seria necessário ponderar quanto aos conceitos de praticantes ou não desta religião, o que remeteria a um aprofundamento neste quesito.

Alguns outros aspectos foram abordados que serviram para uma imersão no tema, conforme premissas da pesquisa exploratória. O público consultado foi levado a descrever sua vivência religiosa na infância e adolescência, e o grupo demonstrou que até no máximo os 18 anos, aproximadamente 60% deles tinham uma participação ativa, ou seja suas práticas religiosas eram movidas por vontade própria, porém, o índice de dissidentes da igreja foi o mesmo após a maioridade. Apenas 25% do grupo optou na fase adulta pela religião que professa atualmente.

Ao questionar algum fato marcante dentro da instituição religiosa de origem, menos da metade dos respondentes relata ter havido algum, sendo que foram considerados também fatos que pudessem ter marcado negativamente.

Entre outros aspectos, no afã de entender a influência direta das religiões na vidas das pessoas, foram arguidos ainda:

- se a religião na qual foram iniciados, quando criança, foi a assumida na fase adulta, o que não se confirmou até este ponto;

- sobre a frequência a um espaço físico (igreja, templo, sala de reunião, etc.) foi encontrado um grupo que vivencia sua espiritualidade independente da frequência a um espaço físico;

- sobre quem seria deus ou o criador: houve recorrência em referir-se a Deus como pai, força, ser supremo e energia. É perceptível que a grande maioria das

respostas denotam a relação com um deus distante.

- para que explicassem, a partir do cotidiano de cada um, a experiência religiosa. Aproximadamente um terço das respostas indicaram que essa experiência tem sentido no momento de comunhão, sempre visando o bem do outro, o que remete a um paradigma humanitário de religiosidade.

Ao aprofundar a temática religião e gênero buscou-se entender a interpretação de corpo e sexualidade, a partir da experiência religiosa, e não houve no grupo entrevistado um consenso, o que indica a necessidade de aprofundamento de outras formas.

Quando questionados se a identidade sexual e gênero influenciaram a vida espiritual, especialmente entre os homossexuais foi encontrado indício claro da cisão entre vida sexual e vida espiritual. Talvez por conta da sensação de banimento e não de acolhimento por parte das religiões em geral.

Foi identificado ainda o entendimento, quase unânime, que é necessário equilíbrio entre vida sexual e espiritual para alcançar a completude do ser, e dentre outras respostas uma chama atenção ao valorizar a ligação entre a espiritualidade e arte, o que destoava do padrão apresentado pelo grupo.

Após a reflexão a respeito das relações existentes entre religião, sexo e amor, a maioria considerou temas independentes entre si. Porém, vale a pena destacar duas contribuições que traduzem a importância da temática: "*Religião é uma necessidade assim como o sexo, o amor é fundamental nas duas [tanto na religião quanto no sexo]*"; e "*Sexo, religião e amor tudo é vida. Tudo faz parte do ser humano*", então se tornou perceptível a forte carga que está imposta sobre os que fogem do padrão heterossexual.

Quando perguntados sobre a forma que a religião institucionalizada deveria compreender e lidar com a questão da sexualidade humana, houve consenso que a igreja enfrenta a temática, a priori, a partir da repressão e desemboca na negação dos impulsos homossexuais. As contribuições refletiram alguns anseios dos entrevistados e indicaram que as instituições deveriam enfocar o amor; entendendo e discutindo a questão do prazer, conferindo liberdade às pessoas e oferecendo apoio. Foi interessante observar a fala de um dos entrevistados "*a religião trata da sexualidade, nenhuma religião*

explica a homossexualidade" há implícito o desejo de busca por explicações, e quem sabe acolhimento.

O espaço do feminino nas tradições religiosas e o espaço de pessoas cuja orientação sexual diferencia-se do convencional são analisados como diferentes, pelo grupo homossexual. O grupo indicou que é possível perceber a existência do espaço do feminino, contrariamente a participação das pessoas cuja orientação sexual diferencia-se do convencional.

Para as pessoas entrevistadas a vida e suas possibilidades não são excludentes da prática da vida espiritual, mas sim causas e causadoras desta.

Em se tratando das questões que envolvem a sexualidade, o que se concluiu é que a força das instituições é bastante marcante, na tentativa de conduzir as pessoas para comportamentos "adequados".

Sobre as questões acerca da homossexualidade a maioria das mulheres se colocou a favor do respeito e da liberdade para com a vivência sexual de cada um.

As questões são abordadas de maneira diferente, porém, pode-se notar que as pessoas respondem por meio de sua concepção pessoal, própria maneira de ver, orientada ora pela sua espiritualidade ora de maneira impessoal, conforme o que aprendeu nos ditames das escolas e de suas instituições religiosas.

O universo religioso das pessoas entrevistadas foi o mais diverso possível, isso também por conta da diversidade de credos e povos existente no Brasil. Isso se reflete no Ensino Religioso com a necessidade premente de formação para a diversidade, que poderá resultar em acolhimento sem distinções, só possível quando o momento em sala for oportunidade de abertura respeitosa e encontro sem reservas.

Lições aprendidas

Apesar de ser o estado Brasileiro Laico, e conseqüentemente laica, a Educação praticada no país, a vergonha no meio acadêmico, que transforma a vida de homens e mulheres em masmorras psicológicas se chama Intolerância, e alguns podem se servir do Ensino Religioso como promotor de posicionamentos contrários ao bem pensar e ao pensar com profundidade as questões sobre as relações entre os gêneros, tendo em vista os princípios formativo da religião no Brasil.

O preconceito, a exclusão e a discriminação vão muito além do apregoado pelos “defensores” de alguns grupos da sociedade. A falta de tolerância, ou melhor dizendo: a falta de acolhimento se inicia na falência dos relacionamentos primeiros, e pode ser percebida em muitos ramais da vida adulta: familiar, profissional, educacional, social e também naqueles de cunho religioso.

O respeito ao outro e a sua diversidade está fragmentado, pois até mesmo a formação acadêmica prefere algumas cadeiras à outras, consideradas, por vezes de menos cientificidade, já que as experimentações, a tabulação e a verificação dos dados não pode ser lidas ou interpretadas por números absolutos.

A influência das religiões na formação das pessoas no Brasil, especialmente a Cristã é notória, especialmente com relação as relações de gênero. Alguns fatores são responsáveis por isso: a) falta de conhecimento do sentido profundo das palavras; b) desconhecimento do contexto geográfico e cultural; c) desconhecimento do contexto histórico e suas inter-relações.

A formação de mulheres e homens, dentro e fora das escolas, ligadas as temáticas religiosas indica haver necessidade urgente de criar um arsenal de pessoas livres, respeitadas e destemidas quanto ao diferente.

As respostas encontradas, como forma de otimizar a transmissão de valores e princípios que contribuam a efetiva permanência de TODOS no processo educativo, sem distinções de nenhuma forma, indicou o Ensino Religioso como espaço privilegiadíssimo.

O Ensino Religioso ao discutir especialmente por meio dos textos sagrados das diferentes comunidades os aspectos do ethos, da busca pela alteridade pode colaborar na compreensão das orientações destes grupos, visando explicitar os argumentos que permitam os indivíduos assumirem sua identidade em todos os aspectos. De forma nenhuma o conhecimento, sob forma deste ou de qualquer outro componente curricular deve servir para discriminar ou excluir pessoas.

Os princípios norteadores da educação de respeito à liberdade e apreço à tolerância, como afirma o quarto parágrafo do artigo 3º da LDB 9394/96 – Carta Magna da Educação vigente no país indicou que a Educação é sim um caminho profícuo para esta empreitada, e talvez o único.

No momento em que a Educação é acusada por fomentar ações homofóbicas, mais especificamente através da disciplina de Ensino Religioso, se faz urgente uma reflexão criteriosa a respeito do papel da Educação na transmissão de valores sobre a diversidade e a sexualidade.

As questões sobre orientação sexual e religião deixaram de constar nas conversas na medida mesma em que o fenômeno da falência das instituições, inclusive as religiosas, tem sido verificado na sociedade atual. Um dos lugares ainda 'isentos' é a escola e é só através da formação do docente que será possível manter aberto este lócus privilegiado de quebra de antigos paradigmas e produção do conhecimento.

Além disso, refletir sobre a formação das pessoas inclusive nos aspectos da sexualidade e das relações dos gêneros é desafio que se impõe a escola, e precisa estar vinculada também aos aspectos religiosos, pois nasce da realidade de incluir, como uma possibilidade em entender o diferente e aprender com ele, e propõe a imersão tão necessária a um universo carregado de simbolismos e que muitas vezes é considerado mundo da hegemonia masculina.

Servir-se do Ensino Religioso, e de outros espaços formativos, é demonstrar uma resistência positiva aos desvelos humanos e conduzir a reflexão a respeito dos diferentes caracteres forma combatentes contra o pensamento engessado e a violência em plena atividade.

A questão da Sexualidade, tem se tornado tema de estudo das ciências de maneira geral, e carece que grupos religiosos e educadores busquem levantar as questões que interferem na evolução de suas comunidades, com reflexões e discussões a fim de promover o respeito e o combate à discriminação a partir do conhecimento e da desmistificação.

O artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394 de 1996, com nova redação através da Lei 9.475 de 1997, legisla sobre o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil. Por ser ampla, e por isso mesmo ambígua, confere aos Conselhos Estaduais de Ensino uma corresponsabilidade e espera que estes venham preencher os espaços deixados, até por conta do contexto e das diferentes realidades brasileiras.

Além dos órgãos normativos e executivos, existe ainda a possibilidade de cada

instituição escolar venha a adaptar-se à lei através do Projeto Político Pedagógico, o que torna o ensino ainda mais próximo da realidade na qual a escola está inserida, desde que construído efetivamente ouvindo anseios e vozes da coletividade.

Para a prática de um Ensino Religioso que respeite os princípios da lei brasileira – com relação à laicidade do Estado e de princípios não proselitistas, se faz necessário ouvir as diferentes vozes, independente da potencia de reverberação.

É necessário todo tempo e em todo lugar, tanto na formação dos professores quanto na elaboração do projeto político pedagógico, refletir e fazer refletir que a sociedade brasileira, de formação, a princípio, judaico-cristã, tem em seu bojo caracteres medievais, e que a bem pouco tempo ainda atrelava as ações do estado ao controle das anotações da igreja outrora hegemônica, a saber: casamentos, nascimentos e falecimentos.

Um prova do atraso brasileiro nesse sentido é que apesar dos avanços no sentido da laicidade do estado, é possível perceber citadas na constituição federal apenas três categorias para o exercício religioso: o sacerdote católico, o judaico e o de confissão evangélica. Fica então o questionamento: onde estarão representadas as religiões não cristãs na Carta Magna Brasileira?

Da mesma forma que ao incluir a maioria das expressões religiosas da sociedade, sob a égide da lei, poderá garantir o direito a livre expressão e culto, considerar com respeito àqueles que exercem sua sexualidade de forma diferente do padrão considerado até então como “normalidade” pode garantir que as crianças e jovens possam apurar o olhar, viabilizando VER com olhos sensíveis os anseios dos diferentes.

A solução passa necessariamente pela formação do professor de Ensino Religioso e que deve contemplar a dicotomia teoria-prática que indica a vinculação da formação teórica a estágios curriculares supervisionados. O exercício da reflexão vinculado à prática pode garantir um profissional atento ao seu entorno e que traz em seu bojo o comprometimento com outros e outras no processo. Então nisso o estágio se dá, também, como garantia de fazer entender ao futuro profissional a tão necessária imersão na realidade para respeitar as diferentes necessidades discentes.

Entender que as situações cotidianas, assim como seu público atendido, são únicas. E por vezes o melhor planejamento precisa ser ajustado em tempo real durante

uma aula ou encontro com seus alunos – que indicam naquele exato momento uma forma de abordagem que melhor colabore para alcançar os objetivos propostos.

Assim na formação de professores e alunos é necessário criar um arsenal de conhecimentos que possibilitem uma ação eficaz, entendendo ser impossível manter alunos e professores motivados partindo da improvisação vazia. É necessário deter e mobilizar conhecimentos para só então intuir, fomentar discussões e a partir daí improvisar com foco em atitudes que torne o conhecimento cada vez mais eficaz possível.

Também por isso é indicada na formação de professores de Ensino Religioso a pesquisa sistemática, que ofereça como frutos embasamento sólido e conclusões que indiquem um movimento cíclico de busca e encontro no desenvolvimento dos alunos, na compreensão da realidade e na autonomia destes para a interpretação dos fatos de maneira isenta de tendências de qualquer gênero, assegurando assim um ensino com autoridade do saber e da vivência, assim como apregoado no Sermão do Monte, pelo autor da Pedagogia do Exemplo – Jesus, o Cristo.

Estas constatações não encerram o processo crítico-reflexivo sobre a formação de professores, em especial para o Ensino Religioso, inclusive como forma de combater todo e qualquer tipo de preconceito, discriminação e violência. Ao contrário indicam a urgência em encontrar um caminho diferente para as futuras gerações, ou um ritmo diferente no passo, que dê conta de diferentes caminhantes num mesmo caminho. É certo que na chegada todos terão visto as mesmas paisagens, alguns deleitarão o olhar com as pedras, outros com a vegetação e outros, não terão uma visão detalhada, saborearão apenas os odores da terra, das matas e dos outros caminhantes.

É importante o caminhar que se inicia ciclicamente no embasamento de cada novo passo!

Referências

BELLO, José Luiz de Paiva. O poder da religião na educação da mulher. **Pedagogia em Foco**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher02.htm>> Acesso em: 23 abr. 2004.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA. V. T. Thompson. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Contemporânea. São Paulo. Vida, 1995.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL/CNE. **Resolução CNE/CP 2/2002**. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, Mar./Abr.1995a,p. 62.

NICHOLSON, Shirley (org). **O novo despertar da deusa**. O princípio feminino hoje. Rio de janeiro: Rocco, 1993.

THEODORSON, G.A; THEODORSON, A. G. **A modern dictionary of sociology**. New York: Crowell, 1970

TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA (TEB). São Paulo. Edições Loyola, 1994.